



II CONEDU
CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

OS MOVIMENTOS SOCIAIS NA ERA DIGITAL

Gilberto Pereira Fernandes

Universidade do Estado da Bahia
bragilgil@hotmail.com

Maria Olivia Matos Oliveira

Universidade do Estado da Bahia
mariaoliviamatos@gmail.com

Resumo: Esse artigo discute as mobilizações sociais impetradas por sujeitos anônimos através das redes sociais na *web*, nos movimentos sociais que se iniciam no ambiente *online* e se transpõe para as ruas ou vice-versa. O ambiente *online* representa um novo campo de elaboração e divulgação de estratégias de mobilização dos movimentos sociais, possibilitando a interação social de modo mais fácil e rápido. Discutiremos como a interação na *web* pode favorecer a criação e o aperfeiçoamento dos novos repertórios de ação dos movimentos sociais contemporâneos, as mídias sociais. Tecemos discussões no campo da atuação política e a participação engendradora do capital a partir do surgimento de novas formas de ativismo, perpassadas por infraestruturas tecnológicas que determinam e são determinadas pelas próprias práticas sociopolíticas, através das mídias sociais; aspecto presente na fala de Castells (1999, p. 17) que caracteriza essa nova sociedade como “uma cultura de virtualidade real construída a partir de um sistema de mídia onipresente, interligado e altamente diversificado”. Do ponto de vista metodológico e organizacional, o texto se constrói de forma dialógica, apresentando questionamentos e possíveis inferências. A resposta mais eficaz está em poder do leitor, que possivelmente vem acompanhando através da mídia televisiva e computacional as constantes interações nas redes sociais e nas ruas, a partir dos deslocamentos dos ambientes *online* para os espaços físicos, em uma comunicação ubíqua.

Palavras Chave: Era digital. Mídias. Movimentos Sociais.

Introdução

Que mudanças vem ocorrendo no campo dos movimentos sociais desde o seu primeiro registro em terras Brasileiras em 1562, quando ocorreu uma revolta dos índios contra os portugueses? Essa é uma das primeiras questões que aparecerão nesse artigo, sucedida por outras; as quais, buscaremos responder numa relação dialógica com teóricos da área, de forma que essa dinâmica componha a estrutura desse artigo; em sua própria metalinguagem.



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

O estudo da temática em torno dos movimentos sociais nesses tempos de virtualidade, justifica-se não apenas por seu caráter atualíssimo, ou mesmo, por inquietar-nos enquanto pesquisadores, mas sim, pelo impacto que as tecnologias da informação e comunicação vem provocando na maneira como as pessoas interagem nas redes sociais de relacionamento e em suas relações cotidianas, e nos próprios rumos que vem tomando a atuação política dos sujeitos educativos e de direito, a partir do coletivo que se instaurou nas redes sociais, ainda que, essa atuação seja anônima, incalculável e intransponível.

A *internet* vem sendo utilizada como um veículo de encontro *online* para reunião de pessoas que não se conhecem, mais que têm interesses comuns e buscam também os interesses da coletividade. Sendo assim, as redes sociais têm servido como ambiente para concentrar as energias e demarcar ações nas ruas, ao mesmo tempo, e em tempo real, divulgar o que vem acontecendo ali através das redes sociais, permitindo o crescimento em números e força, dos movimentos de reivindicação.

A partir dos anos 70 as conjecturas de análise da realidade social passaram a dar ênfase a microestrutura e não na macro, o que possibilitou uma multiplicidade de fatores de análise da sociedade civil: dos aspectos sociopolíticos, da luta de classes e dos movimentos sociais. Esse processo foi classificado por Telles (1987, p. 62) como a “descoberta da sociedade como lugar da política”. Para ela, deixa-se de analisar os sujeitos políticos apenas na relação classe-partido-Estado. Os partidos e sindicatos perdem o lugar de protagonistas políticos para os movimentos populares que ocorrem em qualquer espaço de convivência coletiva.

Esse cenário de interação instaurado traz um questionamento interessante: Por que tem crescido tanto o número de participantes nos movimentos sociais? Ariscamo-nos a responder, que pela força da comunicação e da conexão estrutural nas redes sociais de uma forma (des)organizada, mas que segue um padrão simples e lógico, próprio da tecnologia e da estruturação da sintaxe dessas tecnologias, atingindo uma grande dimensão ao se promover campanhas que se estendem de um país a outro, com repercussão mundial.



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

Os movimentos sociais são definidos por Gohn (2008, p. 439-440) a partir da adoção de um critério para efeito didático, dividido em três frentes de ações, nas quais são consideradas “suas demandas, seus formatos organizativos e seu campo de atuação” relativas a forma que predomina. A autora enumera as seguintes:

Primeira: movimentos identitários que lutam por direitos sociais, econômicos, políticos, e, mais recentemente, culturais. São movimentos de segmentos sociais excluídos, usualmente pertencentes às camadas populares (mas não exclusivamente). Segunda: movimentos de luta por melhores condições de vida e de trabalho, no meio urbano e no rural, que demandam acesso e condições para terra, moradia, alimentação, educação, saúde, transportes, lazer, emprego, salário etc. Terceira: movimentos globais ou globalizantes, como o Fórum Social Mundial (ver Munõz, 2008). São lutas que atuam em redes sociopolíticas e culturais, via fóruns, plenárias, colegiados, conselhos.

Os objetivos desse trabalho estão de certa forma coadunados a essas três frentes de ações que caracterizam o campo de atuação dos movimentos sociais. A seguir apresentamos alguns questionamentos que problematizam o tema e entendê-los é sem dúvida apreender os nossos objetivos aqui, embora, tantos outros questionamentos surgirão nessa dinâmica metodológica.

Como se constroem os estados de ânimo e as emoções na rede mundial de computadores em suas interfaces? Como estão conectadas e são capazes de mobilizar as pessoas entorno de ideias concretas? De que maneira a sociedade se organizava na época das diretas já e do movimento dos caras pintadas? Como isso se modificou? É possível afirmar que na atualidade não se tem a mesma efervescência de mobilizações políticas e movimentos sociais como havia década de 80?

Nos auxiliarão nessa tarefa, o prelo de dois aspectos dicotômicos: a) *A internet e a representação das massas populares na mídia* b) *Tecnologias midiáticas como ferramenta de mobilização social*; com incursões teóricas em Arendt (2009); Alonso (2009); Bertonecelo (2009); Castells (1993); Freire (1994); Gadoti (2000); Gohn (2003); Ireland (2013); Telles (1987); Touraine (2003, 1983) e outros.



a) A *internet* e a representação da massas populares na mídia

A tecnologia é hospedeira do conhecimento. Ela funciona como uma ferramenta de busca de resposta para problemas em um determinado contexto, pois possui meios de guardar informações, as quais foram produzidas através de técnicas que criam instrumentos para dominar o mundo. Assim, a tecnologia vem reestruturando profundamente a consciência e a memória humana, o seu conteúdo subjetivo envolve “o animal laborans e os artífices que envolvem a racionalidade do homo faber” na visão de Arendt (2001, p. 166),

[...] a tecnologia realmente já não parece ser o produto de um esforço humano consciente no sentido de multiplicar a força material, mas sim uma evolução biológica da humanidade na qual as estruturas inatas do organismo humano são transplantadas de maneira crescente para o ambiente do homem.

A partir da visão de Arendt (2001), identificamos as possibilidades de representação que o uso tecnologia provoca nos processos formativos do ser humano. De modo geral, poucos sujeitos, advindos de ambientes formais de educação, pensam a tecnologia como um processo humano e incorporada a cultura cotidiana, ainda que de forma simplista, ficando seu conceito preso a significados descontextualizados e deslocados dos sentidos epistêmicos.

Esse processo de simplificação se dá pelos usos, rotineiros, dos recursos tecnológicos midiáticos, os quais, efetivamente, denotam significados e significâncias de praticidade, que fazem esquecer o papel humano de criação deles, contudo eles denotam os fazeres e os saberes humanos que desencadearam ideias, projetos sociais, utopias, interesses econômicos, estratégias de poder, entre outros aspectos que geram as modernas tecnologias.

Partindo dessa premissa, os sujeitos que tem acesso à tecnologia computacional e conhecem o seu potencial, tem feito uso cada vez mais constante de suas interfaces. Dentre as ferramentas da web mais utilizadas pelos ativistas em movimentos sociais estão: as redes sociais; as mais comuns - o *facebook* e o *twitter* – aplicativos como o *whatsapp*, e outros mecanismos midiáticos como a TV e *websites* – *blogs*, jornais e revistas, virtuais - servindo como periódicos para produção e divulgação de conteúdos reflexivos sobre as ações dos



movimentos; sem deixar de considerar as assembleias presenciais realizadas com os mesmos participantes desses movimentos na *internet*.

Nesse momento destacamos que os recursos midiáticos são organizados pela maneira como uma informação é transformada e disseminada (mídia impressa, mídia eletrônica, mídia digital), além do seu aparato físico ou tecnológico empregado no registro de informações. As mídias passam a configurar novas maneiras de utilização e ampliação das possibilidades de expressão, constituindo novas interfaces para captação e interação globalizante.

Um marco nesse início de século em todo o mundo, tem sido o uso das mídias¹ sociais na *internet* por cidadãos, coletivos e movimentos sociais na organização, acompanhamento, e realização de grandes movimentos. Esse aspecto vem modificando a forma de atuação dos movimentos sociais, que durante séculos vem buscando métodos de mobilização e organização. De acordo com Gadoti (2000, p. 03),

Ainda não se tem ideia clara do que deverá representar, para todos nós, a *globalização* (grifo do autor) capitalista da economia, das comunicações e da cultura. As transformações tecnológicas tornaram possível o surgimento da era da informação.

O uso das redes sociais da *internet* como instrumento de divulgação de ideias, conclames para reuniões e encontros dos movimentos sociais e questões sociais, tem sido uma prática cada vez mais constante e tem ressignificado em termos de mobilização, agilidade e divulgação ações desses movimentos. Esses movimentos vêm unindo forças, pressionando corporações por meio de ações coletivas que desembocam em protestos e levantes, caracterizadas por “ações coletivas de caráter sociopolítico e cultural que viabilizam distintas formas da população se organizar e expressar suas demandas” (GOHN, 2003, p. 13).

Conectado à rede mundial de computadores, qualquer membro da sociedade pode ser protagonista na iniciação de um movimento, pois pode facilmente unir forças, e alavancar uma mobilização para atender uma expectativa de interesse individual, da coletividade, utilizando para isso, do poderio da ferramenta de divulgação global mais abrangente nesses dias – a *internet*.

¹ O termo mídias no plural visa pôr em relevo os traços diferenciais de cada mídia, para caracterizar a cultura que nasce nos trânsitos, intercâmbios e misturas entre os diferentes meios de comunicação e informação. (SANTAELLA, 1996, p. 138).



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

Os sujeitos em rede estão intrinsecamente ligados aos novos recursos possibilitados com a difusão da *internet* com seus ambientes, e aplicativos. As massas populares desejam comunicar-se com mais eficácia no ciberespaço e participar do universo digital ensaístico contemporâneo. Consideramos que esse empoderamento pode ocorrer de forma mediatizada e contextualizada.

O uso da TIC na criação de rede de conhecimentos traz subjacente a provisoriedade e a transitoriedade do conhecimento, cujos conceitos articulados constituem os nós dessa rede, flexível e sempre aberta a novas conexões, as quais favorecem compreender "problemas globais e fundamentais para neles inserir os conhecimentos parciais e locais" (MORIN, 2000, p. 14)

A *internet* possui um sistema de circulação de informação muito importante, e permite discutir não somente a prática dos movimentos, mas também a sua teoria, a teoria social, política ou filosófica. Contudo, a *internet* não pode ser idealizada, pois vivemos na América Latina, em um país de muita desigualdade, com inúmeros off-liners que não têm acesso a ela porque os programas públicos ainda são muito escassos, e não existem programas de capacitação das pessoas para que elas saibam manipular a *internet*, o que leva grande parte dos movimentos a não usar os novos recursos de divulgação e articulação suplantados.

O aparelho de gestão da mídia brasileira criou um estereótipo bastante conclusivo para a atuação dos movimentos sociais nas redes e nas ruas, constantemente, esses movimentos são classificados como ativismo apolítico e antigovernamental, sendo composto por pessoas que fazem parte das minorias e de que não representam os interesses da coletividade. É sempre uma menção ao lugar periférico, subalterno. Contudo, essa menção é feita para tentar convencer que essas minorias estão sendo incorporadas. O conflito é posto de lado, fica fora de questão, uma via desacreditada porque é muito perigosa.

Tanto mais um aparelho de gestão tende a se impor ao conjunto da sociedade, mais as forças de oposição aparecem como minorias". Fala-se naturalmente de maioria silenciosa; não apenas a respeito dos países onde a oposição é submetida a pressões repressivas diretas, como a união soviética, mas também a propósito de países capitalistas politicamente liberais. (TOURAINÉ, 1983, p.12).



Nesse contexto, é possível considerar uma teoria da conspiração, ver a mídia como um grande aparelho de hegemonia que trabalha para garantir a liderança dos dominados pelos dominantes? É preciso que a vontade coletiva esteja articulada para surtir mais efeito no sistema institucional, ficando então as redes sociais como mecanismos válidos de divulgação, discussão e atuação, redimensionados para encontros presenciais, onde, de fato se poderá respeitar a opinião da coletividade e se chegar a um consenso, quando se pensa no povo como massa.

Tomamos a fala de Paulo Freire citando como exemplo um analfabeto de Angicos, falando ao Presidente Goulart e declarando que já não era massa, mas gente: “ele conscienciosamente afirmava uma opção. Escolheu a participação decisiva que só as pessoas têm, e rejeitou a dimensão emocional de massas. Estava politizado”. (FREIRE, 1994, p. 145).

Os movimentos sociais são ótimos espaços de politização, pois emanam do espaço público. Contudo, o espaço que eles têm na mídia é muito pequeno e predominantemente aparece em situações de conflito, isso porque a mídia é utilizada como mecanismo de divulgação dos temas de interesse do poder político e quando se dá espaço aos movimentos é para coloca-los como reacionários na quebra hegemonia política, sem que haja uma possibilidade de debate, como se a cobertura dada pela mídia esquecesse que existe o pensamento da sociedade civil, e devem contribuir na gestão pública.

b) Tecnologias midiáticas como ferramenta de mobilização social

Nesse momento, nos arriscamos a argumentar sobre efervescência de mobilizações políticas e movimentos sociais na década de 80 no Brasil, lembrando que naquele período havia um projeto de atuação política e de mobilizações sociais: o movimento sindical, o movimento social, o movimento partidário, todas essas conglomerações tinham como projeto o voto direto, as eleições e uma disputa pelo poder; um projeto político que também atuava nos movimentos sociais. Nesse caminho Bertonecelo (2009, p. 171) aponta que,



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

[...] a campanha das diretas foi, em parte, o produto da multiplicação de jogadas intersetoriais em um contexto ampliado de conflito, produzido por uma conjuntura de grave crise política que se materializou especialmente a partir de 1983.

Na década de 80 o objetivo era conquistar o poder, na atualidade ainda não se sabe qual o projeto que se quer defender. Isso ocorre porque os movimentos sociais talvez perderam o seu caráter de autenticidade, autonomia, independência em relação as políticas governamentais, o movimento está muito coeso e em aderência com as políticas governamentais, sem autogestão, precisando retomar bandeiras e levantar outras, criar possibilidades de acúmulo de força, na organização e a politização das pessoas.

Acreditamos que aquele projeto político teve sucesso pois representantes do povo atuavam como líderes, chegando inclusive ao poder. Na atualidade existe uma falha na atuação desses movimentos, no que diz respeito a unidade, uma vez que cada movimento busca um objetivo específico e particular ao movimento e não comum a toda a sociedade Brasileira, cada movimento é levado a atuar em causa própria. O que falta aos movimentos do presente? Não vislumbramos outra resposta, a não ser apontar a retomada de uma identidade de projeto político social afim de estabelecer uma unidade no sentido das lutas, da perspectiva de sociedade que se quer atingir: uma sociedade igualitária, solidária, participativa, comprometida com o bem da nação.

Assim o que se modificou foi a conjuntura política que está bastante diferente da que se tinha na década de 80. Se isso ocorreu, quais as características desses movimentos na contemporaneidade, midiaticizados? Os movimentos na contemporaneidade tendem a ser de tensões e contestações, e por isso precisam ocorrer com cuidado e planejamento para que a mídia não deturpe ou crie imagens falsas.

O uso eficaz de tecnologias de comunicação claramente precisa ser considerado no planejamento das atividades futuras, como meio de encurtar distâncias, evitando viagens desnecessárias e, acima de tudo, democratizando o acesso ao processo. (IRELAND, 2013, p. 23)



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

Os movimentos sociais que atuam na rede estão representados por diversas cooperativas, compostas por comunidades ideológicas, geográficas econômicas, políticas etc, que compõe o esteio dos temas da coletividade, podendo por vezes incorrer no interesse individual, sem necessariamente se respeitar as identidades coletivas. Um dos maiores desafios para os movimentos sociais é justamente construir a sua identidade a partir das suas lutas, demandas e ter uma perspectiva de projeto político para o avanço social, de modo geral.

Para Chiavenato (1999, p. 36) todo esse movimento reproduz “tendências que envolvem globalização, tecnologia, informação, conhecimento, serviços, ênfase no cliente, qualidade, produtividade e competitividade”. Todas essas tendências estão afetando e continuarão a afetar a maneira pela qual as organizações utilizam as pessoas.

Será que a não distinção clara de líderes prejudica os movimentos? Nesse caso somos categóricos. Sim, pois, ao contrário do que se pode pensar, talvez, a participação dos partidos políticos, ocorrem de forma bastante representativa e competitiva, relegada a atuação de atores centrais, previamente designados como líderes articuladores. É imaturo pensar que a ausência de interação midiática dos partidos políticos de forma direta, significa ausência de interação por parte deles ou até mesmo entre eles e o ideário coletivo.

Chamamos a atenção para a crítica a desordem pública gerada a partir das manifestações, alimentada pela formação de um consenso forjado de cobertura midiática em que se tem a escolha de personagens ou fontes de movimentos sociais falando sozinhas. Há questionamentos em relação ilegalidade das manifestações, e as tentativas torná-las ilegítimas, contudo, as ações dos movimentos são “ações coletivas de caráter sociopolítico e cultural que viabilizam distintas formas da população se organizar e expressar suas demandas” (GOHN, 2003, p. 13).

Devemos pensar a atuação dos movimentos na *web* como um ecossistema de grupos, onde cada sistema pode se organizar por temas em lutas em comum, mas cada um desses sistemas terá validada sua ação em bem da coletividade uma vez que estão se organizando como grupos com ideias em comum? A reunião de todos os grupos em uma causa única



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

parece ser uma tarefa bastante difícil, mas representa sempre uma ruptura e caracteriza os movimentos.

A ruptura está no próprio nome que o fenômeno ganhou. Tratava-se seguramente de “movimentos”, no sentido de ações coordenadas de mesmo sentido acontecendo fora das instituições políticas, mas não eram, de modo algum, protagonizadas por mobs, tampouco por “proletários”. Eram jovens, mulheres, estudantes, profissionais liberais, sobretudo de classe média, empunhando bandeiras em princípio também novas: não mais voltadas para as condições de vida, ou para a redistribuição de recursos, mas para a qualidade de vida, e para afirmação da diversidade de estilos de vivê-la. (ALONSO, 2009, p. 51).

Os movimentos sociais acompanham a conjuntura econômica e política. As cidades são uma concentração de pluralidades e de diversidade. Vivemos em um contexto real de expressão dessa diversidade pelo acúmulo de forças para essa expressão. Um dos veículos mais potentes que garantem a multiplicação dessa expressão é sem dúvida a *internet*, pois ela permite que se multipliquem as articulações e ações rapidamente e se organizem de uma forma não tradicional, para atuação do movimento social.

Considerações finais

Historicamente a mídia foi forçada a um alinhamento constituído a partir do golpe de 64, pois as empresas midiáticas que não eram de confiança do regime militar foram sendo eliminadas do cenário midiático, de maneira que foram sobrevivendo as empresas que já tinham um compromisso com a manutenção desse status quo. Não se pode esquecer que as empresas midiáticas são empresas privadas com direitos constituídos e se sustentam com publicidade de outros anunciantes privados, configurando assim um alinhamento natural do ganho capital.

Uma alternativa seria uma maior utilização de espaços midiáticos gerenciados pela iniciativa pública ou de cunho comunitário, onde se pudesse discutir os problemas sociais e as ações mercadológicas de esmagamento das ações trabalhadoras, realidade possível e justificável, pois vivemos em uma sociedade com poderio virtual. Os movimentos sociais



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

deveriam lutar pela democratização da própria mídia, o que talvez tenha começado com a divulgação em massa nas redes sociais dos direitos populares, contudo, não se sabe até que ponto existe uma manipulação de grupos isolados.

O que dá conteúdo a relação tecnológica é uma insatisfação com o próprio sistema de representação política, se essa insatisfação não existisse, não haveria tanta discussão na rede mundial de computadores, contudo, o “movimento tem elaborado uma nova gramática no repertório das demandas e dos conflitos sociais, criando um novo ator sociopolítico de caráter mundial”, atuante frente aos choques entre as diferentes culturas e a ampliação dos conflitos étnicos. (GOHN, 2003, p. 34).

É importante considerar que a eleição de líderes funciona como um elemento filtrante, uma vez que os porta-vozes quanto menos ofensivos, mais chances tem serem ouvidos na grande mídia. Ao final, deixamos uma questão que permeou essa abordagem e que serviria de tema com um novo enfoque. De que forma a mídia representada pelas redes sociais pode influenciar a opinião pública na prática e na atuação dos movimentos sociais?

Referências

ALONSO, Angela. **As teorias dos movimentos sociais: um balanço do debate**. São Paulo: Lua Nova, 2009.

ARENDT, Hannah. **A condição humana**. Tradução Roberto Raposo. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001.

BERTONCELO, Edson Ricardo Emiliano. **Eu quero votar para presidente: uma análise sobre a campanha das Diretas**. São Paulo: Lua Nova, 2009.

CASTELLS, Manuel. **O poder da identidade**. Traduzido por Klauss Brandini Gerhardt. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CHIAVENATO, Idalberto. **Gestão de pessoas: o novo papel dos recursos humanos nas organizações**. Rio de Janeiro: Campus, 1999.

FREIRE, Paulo. **Cartas a Cristina**. São Paulo: Paz e terra, 1994.

GADOTTI, M. **Perspectivas atuais da educação**. Porto Alegre, Ed. Artes Médicas, 2000.

GOHN, Maria da Glória. **Movimentos sociais no início do século XXI: antigos e novos atores sociais**. Petrópolis: Vozes, 2003.



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

_____, Maria da Gloria. **Abordagens teóricas no estudo dos movimentos sociais na América Latina.** Caderno CRH, Salvador, vol 21, nº 54, set/dez, 2008.

IRELAND, Timothy Denis. **Revisitando a CONFINTEA:** sessenta anos de defesa e promoção da educação de adultos. Revista Brasileira de Educação de Jovens e Adultos, Vol. 1, nº 1, 2013.

MORIN, E. **Os sete saberes necessários à educação do futuro.** São Paulo: Cortez; Brasília: UNESCO, 2000.

SANTAELLA, Lúcia. **Cultura das mídias.** São Paulo: Experimento, 1996.

TELLES, Vera da Silva. **Movimentos sociais:** reflexões sobre a experiência dos anos 70. In: SCHERER-WARREN, Ilse, KRISCHKE, Paulo J. (orgs.). Uma revolução no cotidiano? Os novos movimentos sociais na América Latina. São Paulo: Brasiliense, 1987.

TOURAINÉ, Alain. **Poderemos viver juntos? Iguais e diferentes.** Petrópolis: Vozes, 2003.

_____, **Os novos conflitos sociais.** Para evitar mal entendidos. IN: TOURAINÉ, Alain. Le retour de l'acteur, Fauard, Paris, 1983. Tradução Marili da Cunha Bezerra.